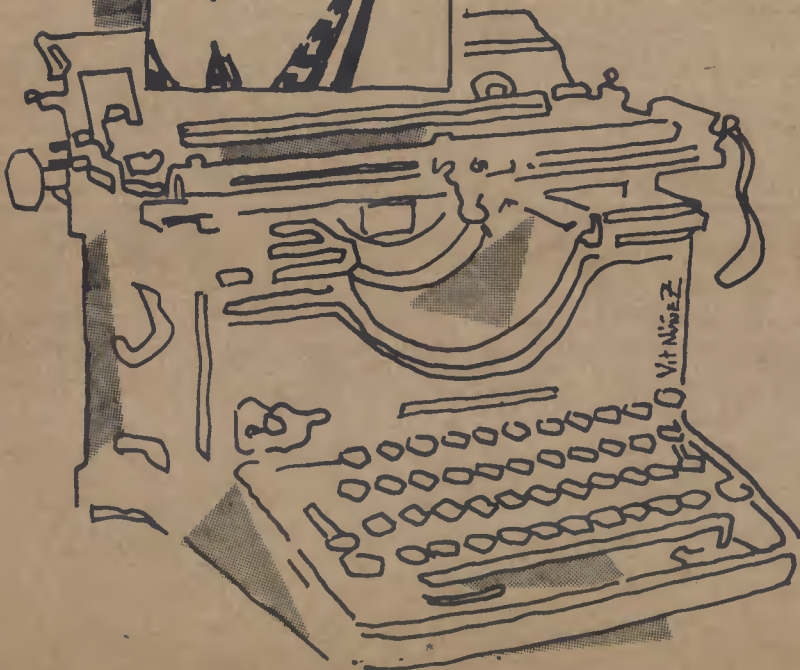


**CYRO
MARTINS**

**REGIONALISMO,
MODERNISMO E O
ROMANCE
DE TRINTA**



O PASSADO, MAS O PRESENTE

Cyro Martins apresenta-nos, neste ensaio, a sua visão do regionalismo, modernismo e do romance de trinta. Dono de um modo de expressão extremamente próprio, não se prende ao rigor acadêmico e nem utiliza os vocabulários da moda para fazer desfilar, ante o leitor, a síntese e o espírito desses movimentos — tal como aconteceram no Rio Grande. Isto, por si só, é um feito que apenas Cyro, com sua autoridade e seu renome, pode fazer. De certo modo, ele resgata um estilo de crítica, saboroso na forma, verdadeiro no espírito, e que foi a marca de um período do qual Augusto Meyer constitui-se em representante máximo. Assim, somos literalmente tomados por sua prosa suave, mas não inocente; por detrás de um suposto vagar a esmo, Cyro nos conduz com segurança aos parâmetros norteadores dessas três correntes estéticas que tantos e profundos matizes deixaram em nossa literatura. Parece-nos que sua maior atenção dedica-a ao regionalismo e ao modernismo; quanto ao último, destaca a confusão provincial com o "futurismo", remetendo-nos a um Rio Grande ainda perplexo ante a renovação que se operava no centro do País, especialmente em São Paulo.

A grande lacuna do artigo é o escritor Cyro Martins; *et pour cause*: a modéstia dos verdadeiramente grandes impediu-o de falar de si mesmo. Sua inteligência, contudo, deve reconhecer seu papel decisivo ao Romance de Trinta. Cyro Martins insere-se nessa vertente nacional, e de forma tão crítica que faz sua obra uma obra única. Passada a fase ufanista de glorificação de um passado de glórias duvidosas, onde o homem do campo era o protótipo da liberdade, a literatura renovadora de Cyro apresenta-nos (em especial com a Trilogia do Gaúcho a Pé) um outro homem, carcomido de doenças, desapossado de seus pequenos bens, destituído da sobranceria de seu cavalo, para mostrar a sua verdadeira face: um pobre-diabo que, marginalizado pelo sistema, vem engrossar a aura de miséria das grandes cidades. E o faz com uma prosa límpida que não se submete ao desculdo, tão próprio de seus contemporâneos de fase literária.

O trabalho de Cyro Martins, em nossa literatura, corresponde a uma tomada de consciência que ultrapassa qualquer indagação de cunho meramente literário; sempre entendi que o problema da existência de uma literatura gaúcha é um pseudo-problema, isto porque sempre começa pela indagação da existência de uma cultura gaúcha — a meu ver, existe uma cultura se há uma literatura que a defina; nessas circunstâncias, a obra de Cyro Martins vai além, para se constituir em um fato cultural de primeira grandeza, e serve para o melhor conhecimento do que seja a alma rio-grandense. O que não é pouco.

Por último — e para que esta introdução não acabe maior que o artigo — é importante destacar que Cyro é um escritor em plena pujança intelectual, no domínio integral de seu mister, e que periodicamente festeja a vida com um novo romance; dos últimos, e sem menosprezar os outros, vejo em *O Príncipe da Vila* uma de suas obras maestras. Brandino é uma das figuras mais ricas da literatura brasileira contemporânea e que vem demonstrar que se Cyro Martins é nosso expoente máximo do Romance de Trinta, continua sendo um autor de seu tempo, cheio de projetos e — o que é principal — cheio de realizações.

LUÍS ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL

Escritor.



Não me cingirei a nenhum esquema rígido na exposição do tema a que me propus, amplo, elástico e de limites imprecisos. No Brasil, ou aqui perto, entre os nossos vizinhos, o Uruguai e a Argentina, ou, mais longe, no continente europeu, na França, na Rússia, ou noutros países de intensa produção literária, o regionalismo está sempre associado ao campo, à idéia de vida pastoril. E há, concomitantemente, a tendência a enquadrá-lo na chamada literatura menor, talvez porque os personagens que povoam suas páginas sejam criaturas rudes, irmanadas com a natureza. Supõe-se que o romance urbano se diferencie do regional pelas características técnicas, além das inerentes ao assunto. Na trama, o universal estaria mais no urbano do que no regionalista. A essência da natureza humana, porém, se revela fundamentalmente a mesma, quer através das formas dialetais do regionalismo, quer através da gíria das cidades, variável de geração a geração.

Em desmentido ao apoio de literatura menor, dado ao regionalismo como gênero literário, basta lembrar, em primeiro lugar, a figura ímpar de João Simões Lopes Neto, obscuro em vida, porém de uma luminosa carreira póstuma, como não há similar na história da literatura brasileira e como, por certo, haverá poucas noutras literaturas mais ilustres. Ainda no Rio Grande do Sul, citarei Alcides Maya, autor de *Ruínas Vivas*, um dos primeiros romances de fundo social a aparecer no Brasil. Alcides retratou uma época do Rio Grande do Sul, a que veio logo após a proclamação da República e a Revolução Federalista. A exuberância do estilo, o colorido visionário das páginas, através das quais amplifica a realidade; a heroicidade de seus protagonistas principais; os enredos altamente dramáticos; todos esses painéis revelam sua íntima sintonia com os feitos épicos da gente gaúcha. Ao toque vibrante e comovido de suas evocações, acorrem, levantando-se do fundo da história, resgatadas do esquecimento, as sombras dos campeiros que desapareceram, anô-

nimos, depois de muito mourejar, e os vultos dos bravos que fizeram a nossa tradição de valentia. E agora me ocorre, para completar a menção ao trio maior da literatura gauchesca, o nome de Ramiro Barcelos, autor do poemeto satírico *Antônio Chimango*. Com ele, a nossa gente de galpão aprendeu e declamar e a troçar dos poderosos. A sua grande virtude é a receptividade popular, como acentuou a autora de *Agonia do Heroísmo*, Maria Helena Martins. Receptividade popular, essa, induzida pela espontaneidade das sextilhas que contam a história dum tal Antônio, Chimango de sobrenome.

Ainda dentro deste espírito de revide aos que menosprezam a literatura regionalista, não só a nossa, mas a de qualquer parte, é bom que lembremos *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, cujo impacto na crítica nacional talvez só tenha equivalência com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, por ocasião do seu lançamento, em 1902.

E aqui perto, do outro lado da fronteira com o Uruguai, bastam os nomes de Xavier de Viana e El Viejo Pancho, pseudônimo de um intelectual espanhol que se embebeu tanto das tradições e costumes “del terruño”, que acabou escrevendo os melhores versos regionalistas da “Banda Oriental”. Bastam esses nomes, como disse, para infirmar a atitude de pouco apreço pela literatura regionalista. E, passando o Rio da Prata, encontramos as soberbas figuras de José Hernández, autor de *Martin Fierro*, e de Ricardo Güiraldes, o romancista de *Don Segundo Sombra*.

Em síntese, quero ressaltar que, nas duas primeiras décadas do século, os grandes autores da literatura regionalista rio-grandense foram Alcides Maya, João Simões Lopes Neto e Ramiro Barcelos. Mas desejo, igualmente, evidenciar que, também nas letras citadinas, nesse mesmo período, o Rio Grande teve quatro poetas simbolistas de primeira água: Marcelo Gama, Zeferino Brazil, Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy. Todos eles eram seguidores da linha lírica de Mallarmé, Samain e Apollinaire. É importante evocar esses poetas, porque eles constituíram a geração que antecedeu à dos modernistas que estavam estreando em mil novecentos e vinte e poucos, ainda com suas musas impregnadas da musicalidade e das nuances simbolistas e uns vagos anseios de fazer poesia por obra e graça das associações livres, na ilusão de captar a inspiração em estado nascente.

Penso que o grande surto do regionalismo literário rio-grandense ocorreu em consequência da Revolução de 1923. Por isso, predominavam, nos contos e nos versos, os “causos” de valentias. Conto campeiro que não tivesse uma façanha no desfecho, não merecia o qualificativo de gauchesco. A produção era grande em quantidade, porém, qualitativamente, a colheita foi escassa. Salvou-se o volume de contos de Darcy Azambuja, *No Galpão*, bastante influenciado por Simões Lopes Neto. O livro de Darcy Azambuja alcançou

larga repercussão, no estado e no Rio de Janeiro, principalmente porque foi premiado pela Academia Brasileira de Letras. Hoje está esquecido Darcy Azambuja, mas seu livro circulou pelas mãos de várias gerações. Lá pelos fins da década de 20, já invadindo a de 30, mas ainda com o espírito que predominou durante os anos vinte, porque as décadas culturais não seguem à risca os limites dos decênios, surgiram dois poetas regionalistas de valor: Vargas Neto e João Octávio Nogueira Leiria. O primeiro logrou muito mais êxito que o segundo. No entanto, eu sempre preferi o Leiria.

Um contista gauchesco que conquistou algum destaque nos anos 20 foi Roque Callage. Sua obra, de certa maneira, se impôs pelo grande amor à querência que ela traduz.

Mas desejo fazer, agora, algumas considerações mais específicas sobre o nosso regionalismo literário.

Houve tempo em que esse tema foi surrado. Mas, hoje em dia, constitui-se em motivo quase inexistente nas páginas literárias dos nossos jornais. Explica-se essa omissão, se considerarmos a desfiguração da campanha tradicional, por um lado, e, por outro, a subordinação crescente da nossa atividade intelectual aos fatos e doutrinas de transcendência nacional e internacional. Não foi tanto pela nossa capacidade de penetração nos costumes de outras terras, nem nas idéias de outras gentes. Foi, sobretudo, porque o mundo inteiro, de súbito, precipitou-se sobre nós, sobre a nossa pacatez, através do jornal, do cinema, do rádio, das traduções da televisão e do turismo. Como a nossa estratificação social era frágil, alterou-se sob o influxo dessas influências avassaladoras. E não somente pelo montante de estímulos diversionistas, como também pelo seu poder de sedução. Seguiu-se uma fase de apressada incorporação do que se dizia lá fora, lá onde se construíam as máquinas e se elaboravam as teorias. O certo é que o século XX não nos proporcionou vagares para que nos demorássemos na contemplação da jovem silhueta histórica do nosso povo, não obstante, façamos pausa. Hoje, nessa pressa, dediquemos alguns minutos à consideração crítica da nossa literatura regionalista. Três autores, de individualidade singular, destacaram-se nas duas primeiras décadas do século, conforme já referi: Alcides Maya, João Simões Lopes Neto e Ramiro Barcelos. O que os aproxima, como escritores, é o domínio da fala e dos costumes gaúchos e, acima de tudo, a compreensão profunda do apego telúrico da nossa gente. Cada qual, porém, maneja com maestria o seu "artefazer" pessoal.

Alcides Maya foi, em vida, solitário e glorioso. Nenhum vulto das letras rio-grandenses conquistou, no País, tão grande renome quanto ele. Do que se tem escrito sobre o autor de *Ruínas Vivas*, destacam-se quatro estudos capitais: o de Moysés Vellinho, o de Otelo Rosa, o de Augusto Meyer e o de José Salgado Martins. O do primeiro é a ampliação do grito de *Guerra ao Saudosismo*,

proferido em 1925, em plena juventude. O crítico de *Letras da Província* faz sérias restrições à obra de ficção do criador de Miguelito, o personagem central de *Ruínas Vivas* e também, por isso mesmo, o mais discutido, o mais lembrado e, sem dúvida, o mais trabalhado de Alcides Maya. Três são os pontos críticos, assinalados por Moysés Vellinho, no romance e nos contos do grande escritor, sobretudo no romance. Primeiro, sob a perniciosa influência de Coelho Neto, "empapou de estilo" páginas evocativas da "vida simples do campo, cenas e tipos rudes, velhos costumes gauchescos". Depois, qualifica os seus tipos de convencionais, pois "sua conduta, suas reações são, via de regra, rigidamente condicionadas aos pressupostos psicológicos que eles encarnam". E, por último, põe em relevo o saudosismo e o sentido amargo, sombrio e derrotista que vê no seu regionalismo.

Já não pensa assim Otelo Rosa, que passa por cima dos senões da linguagem "inundada de verbo" do escritor, sintetizando sua opinião sobre *Ruínas Vivas* com uma paráfrase da frase de Chateaubriand sobre *Atala*: "Poema descritivo e dramático do Rio Grande do Sul".

Augusto Meyer, grande expressão do ensaio e da crítica nacionais de todos os tempos, inicia seu empolgante estudo com um período que constitui, por si só, uma consagração: "É preciso reler Alcides Maya". E, mais adiante, há um tópico capaz de, embora destacado, orientar qualquer leitor principalmente na obra de Alcides: "em *Ruínas Vivas*, *Tapera e Alma Bárbara*, logo se impõe a riqueza dos segundos planos, a verdade dos detalhes, a acuidade nervosa com que são produzidas impressões fugitivas de paisagens e emoções. Só a experiência de um viajante enamorado de sua terra natal, que cruzasse a campanha em todos os rumos para conhecê-la sob todos os aspectos poderia proporcionar ao autor tantos meios de expressão amorosa do real, tanta riqueza de sensações como a obra nos apresenta. Sem falar na sensibilidade quase mórbida que é um dos traços marcantes da sua prosa".

De minha parte, devo confessar que, periodicamente, volto às páginas de Alcides, o Velho Alcides, como o chamávamos, com respeito e carinho. Releio sempre com emoção trechos e trechos assinalados que me acompanham de longe e que me falam, de cada vez, com mais amor da querência perdida.

Em Alcides Maya, são igualmente grandes o ficcionista e o pensador, o comentador de idéias e de acontecimentos, tais como os ensaios que escreveu sobre a "kultur germânica", inspiradora da Primeira Guerra Mundial.

Eu poderia citar, ainda, outros magníficos estudos sobre a obra de Alcides Maya, como os de José Salgado Martins e Floriano Maya D'Ávila.

Entretanto, precisamos passar a galope, para encontrar outro grande do regionalismo rio-grandense: o já referido João Simões Lopes Neto. Ele nos pintou um Rio Grande consolidado na sua

tradição campeira e patriarcal, na sua feição peculiar de vida, com esteios referenciais básicos na estância. Foi o que fez, num estilo manso como a ondulação das nossas coxilhas, com uma frescura de capim tenro de beira de sanga. Obscuro enquanto vivo, quase um simples escritor municipal, um aficcionado às letras, tornou-se o mais glorioso regionalista do Rio Grande do Sul, depois de morto. Seu nome, hoje, ganhou celebridade nos meios literários do País inteiro e até mesmo em Portugal, onde têm sido publicados contos seus e estudos sobre sua obra, que é reduzida. Consiste no *Cancioneiro Guasca*, nos *Contos Gauchescos*, nas *Lendas do Sul* e nos *Casos do Romualdo*. Seu admirável biógrafo é Carlos Reverbél. Seu intérprete mais lúcido e minucioso é Lígia Chiappini, cujo livro sobre a obra de Simões Lopes, intitulado *No Entretanto dos Tempos*, assinala, sem dúvida, um marco memorável no panorama da ensaística nacional, sobretudo pelas filigranas psicológicas que captou ao estudar as *Lendas*.



Escrevendo, ou falando, sobre Simões Lopes Neto, ninguém poderá evitar, de boa fé, uma ou mais citações de Augusto Meyer. Afirma categoricamente o nosso poeta e crítico de largo alcance: "Por fatalidade temperamental, o mediocre folclorista acabou em poeta, usada a palavra no sentido lato, pois foi ele em essência o nosso poeta e o momento culminante do nosso regionalismo, que ainda é, bem ou mal, a única nota característica na produção literária do Sul". Naturalmente, esta última afirmação, um tanto contundente, tornou-se discutível a partir da produção dos anos 30 e seguintes.

Para encerrar este tópico, citarei alguns versos do poema *Ao Tranco*, do meu querido amigo e companheiro da Rua da Praia e entusiasmos juvenis, João Octávio Nogueira Leiria, o poeta Nogueira, como o chamávamos:

"Ao tranquito, meu flete,
Ao tranquito, no mais, bem ao tranquito...
Que nem meu pala rufle,
nem as grandes chilenas ritintinem.
Que eu vá sem um rumor,
como uma sombra,
como a visão de um susto de criança,
cruzando o bojo do rincão soturno.

Oh, grande voz sem fala do silêncio...
Do silêncio imóvel pelas coisas,
incorporado a cada tronco".

O poema segue no mesmo teor. Tem mais três estrofes maiores, igualmente bem realizadas. Na verdade, eu me adiantei, citando estes agora. Eles são de 1930 ou 1931. Mas, como não estou maiormente preocupado com a ordem cronológica, não resisti à tentação de mostrar ao leitor o bom efeito do modernismo bem elaborado na poesia crioula.

Entretanto, convém que voltemos aos primeiros anos da década de 20. O grande surto do nosso regionalismo literário, que estava amortecido, como a política, ocorreu em consequência da Revolução de 1923. Por isso predominavam, nos contos e nos versos de inspiração gauchasca, as valentias. De repente, em meio a esse braseado de gauchismo, chega de São Paulo e desembarca na Rua da Praia, desvairadamente, o Modernismo, que também se chamava Futurismo, e se apresentava como um movimento de libertação, todo cheio de exaltação nacionalista. Libertação de quê? Dizia-se que era dos velhos conteúdos mitológicos e das formas rígidas, da contagem das sílabas a ponta de dedo, da rima e da camisa de força do soneto. Tudo isso soava muito excitante aos ouvidos dos jovens poetas rua-praieiros, entre os quais circulavam Augusto Meyer, Theodemiro Tostes e outros, mais verdes ainda, mas que prometiam e, de fato, cumpriram.

A Semana de Arte Moderna, de 1922, lançada com o prestígio que lhe emprestava o Teatro Municipal de São Paulo, em meio a protestos e vaia, criou um estado-de-espírito versolivrista que se espalhou pelos grupos de intelectuais jovens do país. Acontecia, aqui, o mesmo fenômeno que Marinetti desencadeara quinze anos antes, na Itália e na França, com o lançamento de seu famoso Manifesto Futurista, que se concentrou no desprezo pelo passado e em múltiplos anelos indefinidos do porvir. Afirma-se que não foi somente nos ideais estéticos que a doutrinação de Marinetti influiu, mas também na formação da ideologia fascista. Naqueles anos de levantes estaduais, aqui e em São Paulo, principalmenté, de intensa atividade proselitista de parte dos próceres, oposicionistas e situacionistas, de muita vibração com a Coluna Prestes que irrompia Brasil a dentro, redescobrimdo a pátria, os jovens intelectuais sentiam-se realmente atraídos pelos dias vindouros.

Nessa atmosfera de vibração, o Regionalismo gauchesco, apesar do seu toque saudosista, casou fácil com o Modernismo, embora seja verdade, também, que muitos dos nossos trovadores ficaram atarantados com tanta pedrada contra a métrica, a rima e o soneto, vinda da paulicéia. Mas a maioria, regionalistas ou não, agarrou nos dentes a ênfase do verso livre e investiu, impiedosa, contra a cidadela do metro e da rima, como se fossem masmorras medievais. Muitos daqueles cavaleiros impetuosos retrocederiam malferidos, indo

arrinconar-se, numa tentativa de sobrevivência literária, nas velhas trovas galponeiras, já rendidas, “cansadas de guerra”, e esvaziadas de qualquer exotismo.

Adiantando um pouco, no que me diz respeito, assinalarei que esse panorama se abria, pois, em prosa e verso. Muito jovem, eu acompanhava empolgado, pela imprensa e pelos livros que lia de empréstimo com os amigos, o arremesso idealístico do perfil do flete e do ginete; e também ouvia, nos discursos rua-praieiros, entusiasmos sacudindo palas. Mas, nas férias, quando voltava para a venda do meu pai, na beira da Estrada Real, em plena campanha, os tipos que desfilavam por ali eram bem diferentes daqueles fantasiados que serviam de modelo para os versos pacholas e as grandiloquências de sacada, configurando um afresco de decadência e retirada que nenhuma retórica tradicionalista conseguiria encaixar numa inventiva rósea. Havia lugar, sim, para o patético, naquele doloroso desandar rumo ao sem rumo.

Mas não nos adiantemos. Na época, adolescente, embebido de entusiasmos cívicos gauchescos, eu ainda estava voltado para as vivências infantis e redigia os contos de *Campo Fora*, exuberantes de vibração matinal, úmidos do sereno da madrugada. Evidentemente, nas férias, de longe em longe, aparecia um gaúcho engraçado, e com ele a gente dava boas gargalhadas, durante algumas horas, na venda, ou chimarreando no galpão. A roda dos campeiros, atarantados pelos apertos da vida e saudosistas dos dias passados, por momentos se avivava. E o curioso era que, e disso me lembro bem, aqueles proseadores só contavam façanhas campeiras de antes, de anos atrás. Mas aqueles tipos bem-humorados também foram escasseando de ano prá ano e, cada vez que eu voltava dos pagos, nas férias, encontrava a população da campanha mais rala e mais triste. E ia num crescendo o sentimento de inferioridade do camponês em relação aos citadinos, que já não eram mais tratados com pouco caso, como povoeiros e maturrangos, mas eram invejados. Aos poucos, mas não tão aos poucos, depois de 23, os pagos viraram desterro. Portanto, a minha ficção literária, inspirada nesse documentário humano, para ser coerente com o que meus olhos viram e o meu coração sentiu, não poderia ser saudosista dum tempo de larguezas que mal conheci, porém teria que se apegar à verdade que gritava nos meus ouvidos. E mais, testemunhos de protesto como são, meus romances teriam que ser campeiros e pracistas, para acompanhar de perto o destino dos migrantes. Lastimável destino, valha a verdade!

Mas voltemos àqueles movimentados dias dos anos 23, 24, 25 e 26, na Rua da Praia. Cada vez mais se impunham as figuras de Augusto Meyer, Theodemiros Tostes, Athos Damasceno Ferreira, Darcy Azambuja, Reinaldo Moura, para não espichar demasiado a citação de nomes. De passagem, quero recordar que, em 26, a Globo lançou a segunda edição dos *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes, num único volu-

me. Foi um fato marcante do nosso movimento literário de então. A figura quase mítica do escritor pelotense, que somente uns poucos iniciados conheciam, tornou-se, agora, acessível ao grande público. Concomitantemente a esse acontecimento que nos dizia tanto e tão de perto, tomava vulto o Modernismo. Os nomes de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Manoel Bandeira nos eram familiares, mesmo aos mais jovens, assim como seus livros.

Em 1925, Guilherme de Almeida visitou Porto Alegre. Veio como arauto da nova doutrina poética. Assisti a uma de suas conferências no Teatro São Pedro. Casa cheia. Grande curiosidade da parte do público. Não houve apupos, como no Teatro Municipal de São Paulo, por ocasião da Semana, em 22. Ao mesmo tempo, os poemas modernistas, que o público gostava de chamar de futuristas e que, formalmente, caracterizavam-se pela ausência da rima, da métrica e das estrofes ordenadas em três, quatro, ou seis versos, ganhavam espaço nas páginas literárias do Diário de Notícias e do Correio do Povo. Mas, nessas folhas de primeira linha, só publicavam os maiores das nossas letras de então. Os poetastros e alguns jovens de talento, porém ainda desconhecidos, apareciam noutras publicações menores. A produção era enorme, porque, com a história de não se precisar mais contar sílabas, nem procurar rimas nos dicionários, muita gente se improvisou poeta e saiu rua a fora, num empenho despropositado de se agarrar ao rabo da glória. Mas esqueciam que este é ensaboado e resvala.

Completava o quadro a penetração da palavra futurista, que extravasara do círculo intelectual e ganhara outras áreas, aparentemente imunes a esses contágios, tais como o comércio e a indústria, que começaram a lançar no mercado “artigos futuristas”. Assim, tornou-se comum as vitrinas exibirem blusas, luvas, chapéus femininos, écharpes, sapatos e cintos futuristas! Também os homens foram aquinhoados com algumas prendas futuristas para a sua elegância. E as mães de mocinhas aficcionadas à moda ficavam atormentadas, porque viam naqueles futurismos uma boa dose de licença, que afetava a moral. E, se a piedosa senhora era dada à leitura dos poetas tradicionais, juntava o repúdio aos artigos da moda, que podiam dar às suas filhas um certo jeito leviano, às liberdades dos poetas que desprezavam as normas da versificação e da gramática.

Naquele tempo, quando os anos 20 iam transcorrendo, ali por meados do decênio, Porto Alegre era uma capital de província, com os seus duzentos e cinquenta mil habitantes; possuía, porém, o que a maioria das capitais da Federação não tinha: um coração quente e um cérebro acelerado. Esses órgãos estavam concentrados na Rua da Praia e o seu nódulo vital era a Livraria do Globo. Ali, os intelectuais da terra encontravam, nas prateleiras, as novidades francesas lançadas apenas três meses antes em Paris. Era, também, a

passarela pela qual desfilavam, airosoas, as mulheres belas, nos sábados à tarde e nos domingos pela manhã, após a missa das dez, ainda sob o fascínio da eloquência sacra dos pregadores da elite da Catedral e da Igreja do Rosário. O “footing” das mocinhas, das moças e das ousadas senhoras quarentonas, confluindo da Catedral, das Dóres e da Igreja do Rosário para o passeio obrigatório, ao longo daquelas duas quadras compridas da Rua da Praia, prá lá e prá cá, entre o Café Colombo e a esquina da Masson, incansáveis no exibir o que de melhor possuíam: a graça do porte. Hoje, refletindo sobre aquele espetáculo, à distância de mais de sessenta anos, constato que era uma sociedade voyerista aquela. Mas era a liberdade a que os jovens podiam se permitir.

Também os poetas modernistas em evidência, ainda em lua-de-mel com o verso livre, olhando com desdém para a multidão passadista, circulavam desafiantes, entrecruzando-se com as belidades, com os talentos de outras artes, música e pintura, com alguns intelectuais saudosistas intransigentes com a arrogância dos versolivristas e, ainda, com os prestígios políticos da honra. “Quem não viu a Rua da Praia aos sábados de tarde, por volta de vinte e tantos — escreveria Augusto Meyer, trinta anos depois — não sabe o que perdeu como espetáculo, nem conhecerá jamais a província que ainda caminhava pelo ritmo do século passado”.

Numa manhã de domingo, na Rua da Praia, alguém me disse de repente: “Aquele é o Augusto Meyer!” E o ponto de exclamação que ponho agora, corresponde à ênfase com a qual o meu companheiro empertigou a frase. Com efeito, ergui os olhos e vi, acanhado estudante de preparatórios, o poeta que passava, teso, magro, alto, loiro, o braço esquerdo dobrado em ângulo reto sobre as costas, a mão direita segurando o cigarro.

Folheio *Coração Verde*, lançado em 25, na certeza de achar versos que afinem com aquele flagrante e encontro, logo ali, na terceira página:

“Sou luz, renasce em mim a mais pura luz!
Meu claro olhar abraça a vida no horizonte!
Pousa em meu lábio o primeiro beijo da alvorada,

Serenó orgulho!

Sinto em minha fronte uma palpação de orgulho:
orgulho de emprestar mais claridade ao velho sol...”

Citando apenas esses versos, estou transmitindo muito pouco da personalidade extraordinária de intelectual que foi Augusto Meyer, que se distinguiu, sobretudo, como ensaísta, intérprete consciencioso da obra alheia, homem de pensamento sempre navegando nos altos mares da cultura.

Eu poderia e deveria lembrar outros nomes que ilustraram aqueles anos inquietos e bonitos. Mas deixo aqui, nesta página saudosista, um pouco da vibratibilidade de vento e distância que encajava pela Rua da Praia.

Paralelamente ao grupo encabeçado por Augusto Meyer e Theodemiro Tostes, que andavam ao redor dos vinte e cinco anos, havia os aproveitadores da onda modernista, sem nenhum talento. Era o refúgio da intelectualidade, que sempre existiu, porém se exacerba e ferve nos momentos de renovação, se os líderes do movimento fazem algum barulho.

O que aconteceu em Porto Alegre já ocorrera em São Paulo e no Rio de Janeiro, em proporções bem maiores, certamente. Contra esses abusos que feriam a sensibilidade do público apreciador da poesia de verdade e das artes plásticas, Mário de Andrade reagiu, em favor da “aquisição de uma consciência técnica no artista”, assim como se debatera, anteriormente, “pela liberdade da técnica num tempo de estreito formalismo”.

Entretanto se, por um lado, os charlatões aproveitadores da confusão das circunstâncias, dos quais não sobrou uma linha sequer, ameaçaram despersonalizar o movimento de renovação das artes, no seu conteúdo e na sua forma, em compensação, vinha perto uma outra camada de jovens, dentre os quais se destacava aquele que seria o maior poeta rio-grandense até aqui e um dos maiores da língua portuguesa, Mário Quintana. Curiosamente, ele começou pela prosa, publicando contos na página literária do *Diário de Notícias*, e até ganhou um concurso de contos. Porém não tardaria a se projetar na poesia, que era o seu chão, com absoluto domínio da liberdade da técnica versolivrista e entraria na década seguinte com um nome firme, já se impondo no Rio e São Paulo. Uma das grandes proezas estéticas de Quintana seria a reabilitação do soneto como forma poética, reintegrando-o nos seus plenos direitos de cidade — na cidade das letras, no caso — mostrando como as clássicas quatorze dificuldades podiam ser encaixadas, sem violência, no espírito revolucionário do Modernismo, tudo dependendo da sutileza, da graça, do engenho e do fôlego do poeta.

Claro que os desafios da poesia sem métrica e sem rima só foram enfrentados e superados por poucos. Os pretensos poetas, que ilusoriamente quiseram aproveitar-se duma facilidade que não



existia, esses desapareceram na poeira do tumulto.

Chegamos ao ano de 1927. A sucessão presidencial no estado transcorreu sem pleito. Borges de Medeiros escolheu o líder do seu partido na bancada federal para substituí-lo no governo. E foi assim que, calmamente, Getúlio Vargas assumiu a presidência. Em 1929, foi lançada a sua candidatura à presidência da república. Apoiando-a, os gaúchos se unem, formando uma surpreendente frente única. A Revolução de 30 foi, realmente, um acontecimento marcante na história da república. Todos os setores da vida nacional, o político, o econômico e o cultural se comoveram com ela.

Restringindo-me ao espírito do tema a que me propus, direi que, assim como na década anterior, predominaram os poetas no cenário literário e a revolução do verso, agora os prosadores passaram a galvanizar a atenção do público. Era o Romance de 30 que surgia. Já se anunciara, em fins dos anos 20, com *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado, *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida; o primeiro, de São Paulo e o segundo, da Paraíba. Não produziram maior impacto. Nenhum dos dois era um grande livro.

Mas o que vinha a ser isso, então, o Romance de 30?

A abundante e valiosa produção novelística daqueles anos trinta e tantos e dos que se seguiram, invadindo as décadas de 40 e 50, não foi chamada assim logo em seguida à rebentação nordestina da geração de José Lins do Rego e Jorge Amado. Não, recebeu esse batismo vinte e tantos anos depois. E hoje ninguém sabe de quem partiu a denominação, já agora consagrada. A aceitação do novo tipo de romance nacional parece ter sido maior por parte do público do que da parte dos críticos, a julgar por um estudo de Mário de Andrade, o arguto, de 1941. Ele simplesmente acusa os romancistas, toda a leva nordestina e alguns do Rio e de Minas, de estarem pondo em relevo "o fracasso nacional", tendo como resultado "uma literatura dissolvente".

Não só não compartilho dessas idéias, como tenho as minhas próprias.

O que é que o Romance de 30 possui de característico? O trato dos temas da região do escritor, em termos de ficção, numa linguagem singela, largada, temperada com o sal da terra, e sem nenhum ufanismo. Era a alma da poesia modernista dos anos 20 transposta para a prosa, completando o ciclo de cultura que renovava a inteligência nacional. Atingíramos, enfim, a emancipação literária. Os jovens escritores brasileiros passaram de um estado de indiferença social, para uma tomada de consciência das condições de vida dos diferentes núcleos populacionais do Brasil, principalmente os interiores. Acontecera, em nosso pensar, uma mudança no referente à consideração dos valores da vida. A prosa consumara a revolução da poesia, passando a ser um elemento poderoso de fortalecimento da unidade nacional. Os



Gravura de Glauco Rodrigues

costumes e a língua evoluem juntos. Qual dos dois anda mais depressa? Creio que os costumes. Primeiro aprendemos a fazer, depois a dizer. O comportamento social impõe o processo evolutivo da língua, mas é esta que costura as gerações e as províncias.

Nos dias contemporâneos, com a explosão populacional e a dos meios de comunicação, que se tornam cada vez mais invasores, não há rincão que resista ao desejo de estar em sintonia com a vida das cidades. Demais, à medida que as ferrovias e os jornais e, posteriormente, o asfalto, a aviação, o rádio e a televisão invadiram a interlândia, as populações isoladas despersonalizaram-se, no sentido de que a sua fala, os seus sentimentos, os seus hábitos e suas aspirações foram sendo influenciados pela força socializadora da comunicação.

Claro que, entre as gentes, como no íntimo dos indivíduos, perseveram núcleos saudosistas, nem sempre negativos. Às vezes, funcionam como viveiros poéticos. E, quando postos em contato com o dia-a-dia urbano dos tempos atuais, logo se nota o timbre da influência local. Se bem assimilada, essa influência transfigura-se numa pauta de originalidade.

Isto que aqui fica, dito resumidamente, pode ser desdobrado em histórias literárias que dariam o que pensar. Vejamos, num flagrante, o caso de Érico Veríssimo. Érico tinha horror a tudo quanto dizia respeito a gauchismo: botas, bombachas, chilenas, gineteadas, etc. No entanto, depois de vinte anos, ou mais, de literatura bem sucedida, voltou-se para os "rincões perdidos na alma da gente" e escreveu *O Continente*, sua obra prima. Se eu não parar aqui, terei de recomendar, abordando a infindável teia dos ideais estéticos que empolgam as gerações de artistas. •